

~~Seminário~~

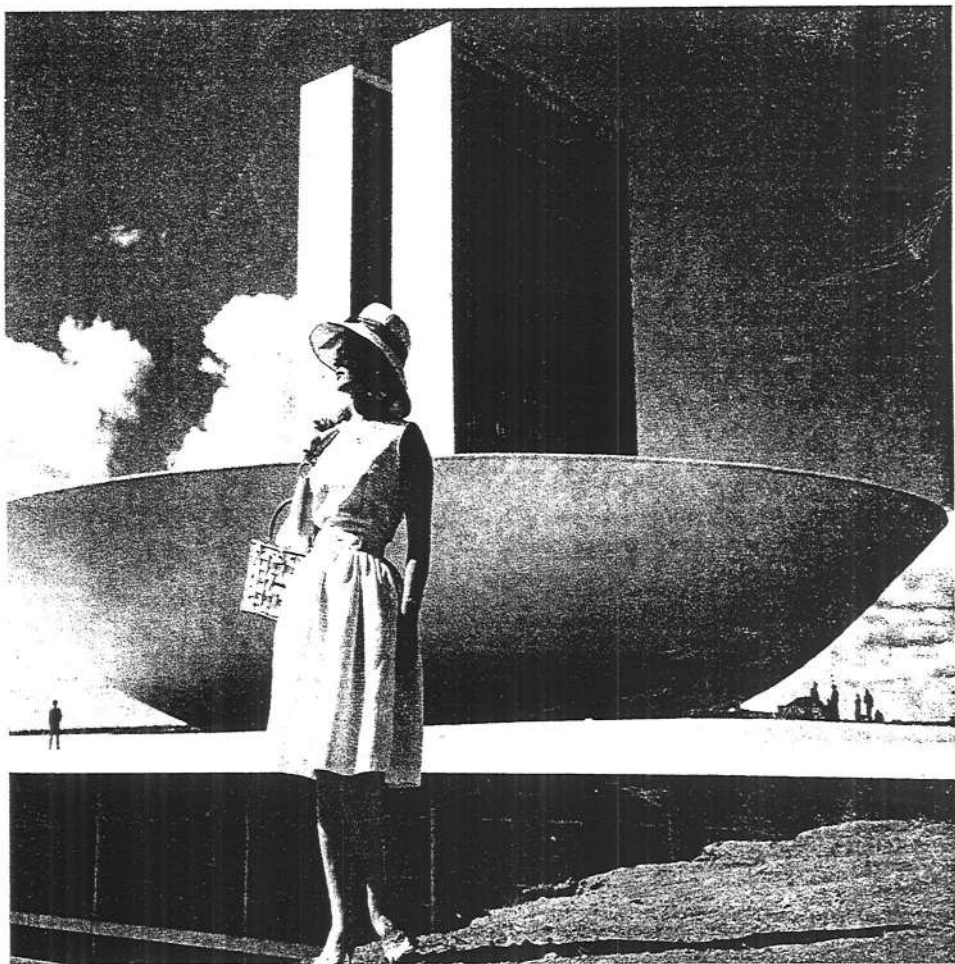
Cap. 9 → Capitalismo Tardio e Sociabilidade Moderna
João Manuel Cardoso de Mello e Fernando A. Nova

• INTRODUÇÃO

Os mais velhos lembram-se muito bem, mas os mais moços podem acreditar: entre 1950 e 1979, a sensação dos brasileiros, ou de grande parte dos brasileiros, era a de que faltava dar uns poucos passos para finalmente nos tornarmos uma nação moderna. Esse alegre otimismo, só contrariado em alguns rápidos momentos, foi mudando a sua forma. Na década dos 50, alguns imaginavam até que estaríamos assistindo ao nascimento de uma nova civilização nos trópicos, que combinava a incorporação das conquistas materiais do capitalismo com a persistência dos traços de caráter que nos singularizavam como povo: a cordialidade, a criatividade, a tolerância. De 1967 em diante, a visão de progresso vai assumindo a nova forma de uma crença na modernização, isto é, de nosso acesso iminente ao “Primeiro Mundo”.

Havia certamente bons motivos para afiançar o otimismo. A partir dos anos 80, entretanto, assiste-se ao reverso da medalha: as dúvidas quanto às possibilidades de construir uma sociedade efetivamente moderna tendem a crescer e o pessimismo ganha, pouco a pouco, intensidade.

Para tratar das relações entre as transformações econômicas e as mudanças na sociabilidade, manifestas na dura vida cotidiana e na precária privacidade, começemos, portanto, por distinguir os momentos significativos que se estendem do pós-guerra aos nossos dias. Entre 1945 e 1964, vivemos os momentos decisivos do processo de industrialização, com a instalação de setores tecnologicamente mais avança-



dos, que exigiam investimentos de grande porte; as migrações internas e a urbanização ganham um ritmo acelerado. O ano de 1964 marca uma inflexão, com a mudança do “modelo” econômico, social e político de desenvolvimento, e esta transformação vai se consolidando a partir de 1967-68. Mas, nesse período (1964-79), as dimensões mais significativas dessa mudança não eram perceptíveis, deixando a impressão de uma continuidade essencial do progresso, manchada, para muitos, pelo regime autoritário. A partir de 1980 (“a década perdida”), finalmente, a nova realidade se impõe. Malgrado hesitantes tentativas de reinversão, consolida-se nas suas ex-

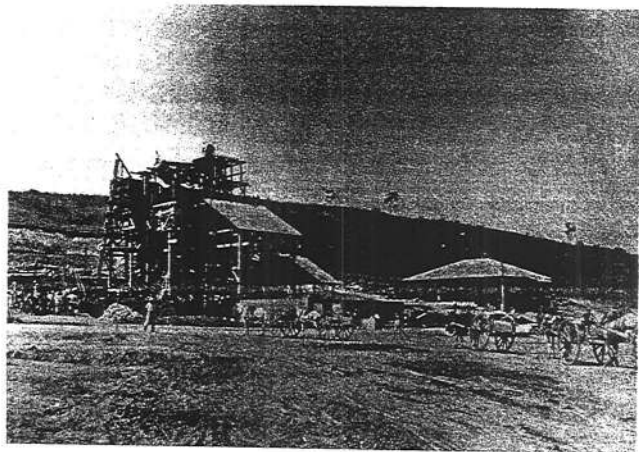
1. A atriz e cantora Odete Lara visita Brasília em junho de 1960. A virada para os anos 60 ficou marcada como um dos momentos mais efervescentes da vida nacional. Brasília, a recém-inaugurada capital da República, construída em cinco anos, era o mais acabado monumento da moderna arquitetura brasileira. Movimentos como a Bossa Nova e o Cinema Novo revigoravam o ambiente cultural. (Arquivo do Estado de São Paulo/ Fundo Última Hora)

pressões limítrofes (estagnação econômica, superinflação, desemprego, violência, escalada das drogas etc.), nestes dias atuais em que vivemos.

Nossa análise da modernidade brasileira parte do otimismo para a desilusão, e jogará simultânea e permanentemente com elementos das várias fases do conjunto do período, de forma a dar conta das conexões e da diversidade de ritmos nas várias esferas da realidade em movimento.

OS NOVOS PADRÕES DE CONSUMO

Num período relativamente curto de cinquenta anos, de 1930 até o início dos anos 80, e, mais aceleradamente, nos trinta anos que vão de 1950 ao final da década dos 70, tínhamos sido capazes de construir uma economia moderna, incorporando os padrões de produção e de consumo próprios aos países desenvolvidos.¹ Fabricávamos quase tudo. O aço, até aços especiais, na Companhia Siderúrgica Nacional, na Cosipa, na Usiminas, na Acesita, em Tubarão etc. Saíam da Petrobrás e de suas subsidiárias, da indústria petroquímica, o petróleo e seus derivados, a gasolina, o óleo diesel, o óleo combustível, o asfalto, o plástico, o detergente, vários outros materiais de limpeza, os produtos que permitem a fibra sintética etc. A engenharia brasileira erguera hidroelétricas gigantescas, equipadas com geradores e turbinas nacionais, de Furnas, Três Marias e Urubupungá até Itaipu. A indústria do

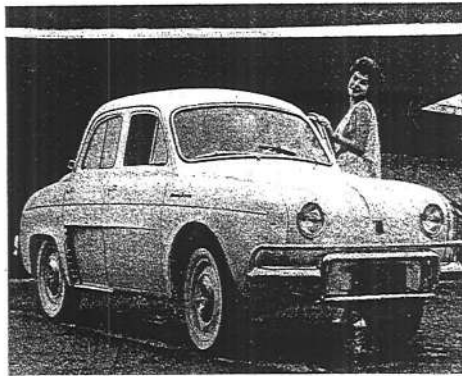


2. Construção da Companhia Siderúrgica Nacional nos anos 40. (Arquivo do Estado de São Paulo/ Fundo Última Hora)



3. Em 1955, operários comemoram a descoberta de mais um poço de petróleo na Bahia. (Acervo Iconographia)

4. Em outubro de 1953 a Volkswagen apresentava ao presidente Getúlio Vargas os modelos montados naquele mesmo ano, com componentes importados, na fábrica instalada em São Paulo: o fusca e a kombi. A empresa alemã foi a primeira a aceitar o convite para fabricar seus veículos no Brasil. (Arquivo Nacional)



alumínio era uma realidade, a do cimento, a do vidro e a do papel cresceram e se modernizaram; as indústrias tradicionais, de alimentos, a têxtil, de confecções, calçados, bebidas, móveis, também. A indústria farmacêutica e a de produtos de beleza deram um salto extraordinário. Desenhemos um sistema rodoviário que cortava o Brasil de ponta a ponta, com algumas estradas de padrão internacional, as primeiras a Via Dutra, ligando São Paulo ao Rio de Janeiro, a Via Anchieta, de São Paulo a Santos, e a Via Anhangüera, de São Paulo a Jundiaí e, depois, até Campinas. Podíamos levantar arranha-céus altíssimos, feitos de aço, concreto e vidro, equipados com elevadores nacionais. Produzíamos automóveis, utilitários, caminhões, ônibus, tratores.

Dispúnhamos, também, de todas as maravilhas eletrodomésticas: o ferro elétrico, que substituiu o ferro a carvão; o

5. Adotado pelo governo de Juscelino Kubitschek (1956-60), o projeto de expansão de uma indústria automobilística no país ganha impulso e várias fábricas iniciam sua produção. Acima, o Dauphine, lançado pela Willis Overland em 1959, sob licença da Renault. (Acervo Iconographia)

fogão a gás de botijão, que veio tomar o lugar do fogão elétrico, na casa dos ricos, ou do fogão a carvão, do fogão a lenha, do fogareiro e da espiriteira, na dos remediados ou pobres: em cima dos fogões, estavam, agora, panelas — inclusive a de pressão — ou frigideiras de alumínio e não de barro ou de ferro; o chuveiro elétrico; o liquidificador e a batedeira de bolo; a geladeira; o secador de cabelos; a máquina de barbear, concorrendo com a gilete; o aspirador de pó, substituindo as vassouras e o espanador; a enceradeira, no lugar do escovão; depois veio a moda do carpete e do sinteco; a torradeira de pão; a máquina de lavar roupa; o rádio a válvula deu lugar ao rádio transistorizado, AM e FM, ao rádio de pilha, que andava de um lado para o outro junto com o ouvinte; a eletrola, a vitrola hi-fi, o som estereofônico, o aparelho de som, o disco de acetato, o disco de vinil, o LP de doze polegadas, a fita; a TV preto-e-branco, depois a TV em cores, com controle remoto; o videocassete; o ar-condicionado. Fomos capazes de construir centrais telefônicas, amparando a relativa difusão desse meio de comunicação. Os estaleiros, especialmente os do Rio de Janeiro, produziam navios de carga gigantescos. Chegamos até à fabricação de aviões, o Bandeirante e o Tucano, na Embraer de São José dos Campos.

Veio, também, o predomínio esmagador do alimento industrializado. O arroz, o feijão, o açúcar, as farinhas, de trigo, de rosca, de mandioca, já empacotados de fábrica em sacos de



6, 7. Nos anos 50 a chegada de novidades para o lar. (Fritz Neuberg/ Acervo Iconographia)

plástico e não mais na hora, retirados de tonéis, de sacos ou de vidros imensos e colocados em sacos de papel. Chegou o extrato de tomate; a lata de ervilha, de palmito, de milho, de legumes picados; o leite condensado; o leite em pó, alguns só para crianças; o creme de leite; o iogurte; novas espécies de biscoito e de macarrão; os achocolatados; a lingüiça, a salsicha, a presuntada e os outros embutidos; o frango de granja toma o lugar do frango caipira, com grande perda de sabor; o mesmo acontece com os ovos; o queijo prato e a mussarela; a azeitona em lata e depois em vidro; as batatas *chips*, a aveia em lata, muito depois os outros cereais; salgadinhos para aperitivo; o doce de lata, a goiabada, a marmelada, a banana-da; o pêssego ou o figo ou a goiaba em calda, mais caros; o pão tipo Pullman, para fazer torradas ou sanduíches, agora em moda. À cerveja, agora também em lata, à pinga, à cachaça, ao conhaque vagabundo, já tradicionais, juntaram-se a vodka, o rum, o uísque nacional ou nacionalizado, os vinhos do Rio Grande do Sul, muitos deles de qualidade duvidosa. O cigarro com filtro causou furor entre os fumantes. O consumo de refrigerantes multiplicou-se, deslocando os sucos de frutas: o guaraná, o da Antartica preferido ao da Brahma, o Fratelli Vita, no Nordeste, a Coca-Cola, muito depois a Pepsi-Cola, as desprezadas Crush e Grapette, a um pouco menos



8. Nos alimentos industrializados, o apelo de praticidade para as donas de casa. (Arquivo do Estado de São Paulo/ Fundo Última Hora)

desprezada Fanta, sabor uva ou laranja; o sorvete industrializado, primeiro o sorvete Kibon — o Eski-Bon imitando o Beijo Frio, os picolés imitando os de frutas verdadeiras —, que triunfa logo, sobretudo em São Paulo e no Rio de Janeiro, sobre a “carrocinha” ou sobre a sorveteria modesta; mas as sorveterias elegantes se multiplicam. Cresce o consumo de chocolate, do Bis, do Sonho de Valsa, do Alpino, do Diamante Negro, nome dado em homenagem ao grande jogador de futebol Leônidas da Silva, o chocolate Kopenhagen e o Sonksen, só para os ricos e, uma vez ou outra, para os remediados; depois o Nestlé e o Garoto. O cigarrinho de chocolate faz grande sucesso entre as crianças. É lançado o chiclete Adams, algum tempo depois o chiclete de bola, o primeiro o Ping-Pong, substituindo o Bazooka, contrabandeado, só para pouquíssimos. Aparecem as balas de melhor qualidade com sabor artificial de frutas, avançando sobre as balas mais tradicionais como a toffee e a de framboesa, e os drops com sabor artificial de frutas que se colocaram ao lado dos muito apreciados, de hortelã. Os drops passaram a ser embrulhados um a um, como o pioneiro Dulcora.

Os avanços produtivos acompanharam-se de mudanças significativas no sistema de comercialização. As duas grandes novidades foram certamente o supermercado e o *shopping center*. O supermercado — o primeiro O Disco, no Rio de Janeiro, do poeta Augusto Frederico Schmidt — vai derrotando a venda, o armazém, o açougue — suplantado, também, pela casa de carnes especiais —, a peixaria — mantendo-se apenas as para os ricos. Vai derrotando, também, a quitanda ou a carrocinha e o caminhãozinho: suas gôndolas exibem alface, tomate, agrião, rúcula, pepino, cenoura, acelga, almeirão, repolho, vagem, espinafre, abobrinha, mamão, mamão-papaia, melão, melancia, pêra, maçã, morango, uma variedade de verduras, legumes e frutas, que se incorporaram à dieta alimentar do dia-a-dia do brasileiro, muitas certamente, no início, por influência sobretudo do imigrante italiano. A feira, apesar de ir perdendo importância, consegue resistir bravamente. O shopping center, o primeiro do Brasil, o Igua-temi, em São Paulo, inaugurado em 1966, transformou-se num verdadeiro templo do consumo e de lazer, cheio de lojas que vendem quase tudo, de cinemas, de docerias, cafés, lanchonetes, *fast-foods* etc. Mas, ao lado do supermercado e do



9. Uma das lojas da rede de supermercados O Disco no Rio de Janeiro, dezembro de 1956. (Acervo Iconographia)

shopping center, surgem, também, as grandes cadeias de lojas de eletrodomésticos, a revendedora de automóveis. As lojas de departamento, como o Mappin e a Mesbla, buscam clientes de faixas mais baixas de renda, em vez dos seus tradicionais, de elite e de classe média alta, que se deslocaram para a loja ou a butik elegante.

Aliás, é desta época, também, o hábito de “comer fora”. Dos almoços e jantares, para o empresariado, os executivos, a cúpula da burocracia de Estado, os políticos e a classe média alta, para os novos-ricos, os novos-poderosos e os novos-cultos, em restaurantes elegantes, preferidos os de comida italiana ou francesa, alguns árabes, alguns espanhóis, alguns portugueses, esses predominando no Rio de Janeiro. Pouquíssimos os de comida brasileira. Mas, ao lado da churrasqueira ou da pizzaria elegante, os remediados certamente encontrariam onde comer mais barato: o rodízio, a pizzaria sem sofisticações, as cadeias de venda de comida árabe, especialmente quibe e esfiha, a cantina italiana, o restaurante mais popular. Para refeições rápidas, os privilegiados se dirigiam a lanchonetes badaladas e, depois, aos fast-foods, o primeiro do Brasil o Bob’s do Rio de Janeiro. Os outros, nos dias de trabalho, aos bares, às lanchonetes baratas, onde comiam o prato feito, conhecido como PF, ou um sanduíche, moda que também foi se arraigando: além do tradicional de pernil, vieram o misto-quente, o queijo-quente, o cachorro-quente,

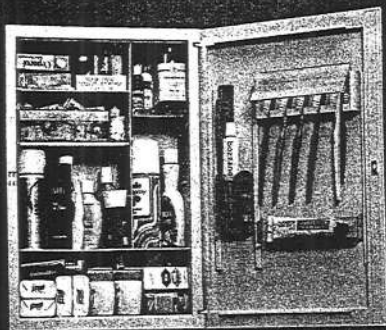


10. Shopping Center Iguatemi, em meados da década de 70. (Alfredo Rizzutti/ Agência Estado)

o paulistíssimo bauru, o churrasquinho, com ou sem queijo, o americano. As pastelarias se multiplicam. As crianças passaram a adorar o hot dog, as batatas chips, o sorvete com cobertura, depois o *cheese-burger*.

Os hábitos de higiene e limpeza, pessoal ou da casa, também se transformaram. Na casa, o detergente, junto com a bucinha de plástico, foi uma revolução; os outros produtos de limpeza, também; o sabão em pó, também; o bom bril aperfeiçoando a antiga palha de aço, também. Avanço houve, e significativo, na higiene pessoal, que se pode observar na difusão para as camadas populares do uso da escova de dentes e da pasta, que substituiu o sabão, o bicarbonato de sódio, o juá do Nordeste, o fumo de rolo em Minas, ou mesmo a cinza, esfregados com os dedos; no uso do desodorante, do *shampoo* e do condicionador de cabelos, de melhor ou pior qualidade; para mulheres, no uso do *modess*, que substituiu o paninho caseiro tradicional, culminando com o tampão; no uso dos cotonetes e do fio dental; na popularização das escovas de cabelos e dos pentes de plástico: as antigas escovas, de madrepérola, e os antigos pentes, de osso, eram o apanágio das damas e dos senhores das elites. À limpeza, neste percurso que vamos descrevendo, segue-se a modernização da beleza, sobretudo das mulheres. O *rouge* foi sendo preterido pelo *blush*, o pó-de-arroz pelo pó compacto, as máscaras caseiras de beleza, de abacate, de pepino, de camomila etc., pelos modernos cosméticos, pe-

A IDÉIA!



Observe bem este armário. Agora pense nos vidros, vidrinhos e vidrões que não cabem nos armários comuns. Entendeu? Este armário Hevea tem divisões idôneas. Estojos até na portinhola! Detergentes silenciosos - não enferrujam. Cantoneiras arredondadas. Nas cores: branca, azul, verde, amarela e rosa. Com espelho bem maior! Qual dos outros? Só o plástico.



hevea
o poder do plástico



"Rainha da Praia" - era o seu mais firme sonho... sonho irreversível, porque seus cabelos sempre apresentavam vestígios de permanente anterior... estavam quimados, secos, apurados... e isso prejudicava bastante a sua aparência... Foi quando surgiu Toni em Toni...



Compartilho por jovens e mulheres - nos praias, salões, reuniões e clubes - Toni é o permanente, a fixa, que se fixa, condicionando, em tons. Sem resíduo dos antigos cabelos. Toni dá aos cabelos uma condição natural, tornando-os macios e sedosos.



Experimente Toni. Já viu, os cabelos de uma mulher, redondos, lisos, flexíveis, ficam com uma bela ondulação. Basta seguir as instruções que acompanham a embalagem e você também poderá obter os mesmos resultados maravilhosos que já obtiveram...



...cabelos "Rainha da Praia", cabelos mais flexíveis de uma mulher. A permanente Toni é sempre um sucesso! Já os cabelos com ondulação natural e natural, que permanecem mais bonitos, práticos.



ONDULAÇÃO PERMANENTE EM CASA

los cremes de limpeza, que substituíram o leite de rosas e o de colônia, pelos hidratantes, esfoliantes, rejuvenescedores, da Max Factor, Helena Rubinstein, Elizabeth Arden, ou da Avon, para as classes populares. Aparece o horrível bob de plástico para enrolar o cabelo: horrível, mas eficiente. Os homens foram incorporando, um pouco mais devagar, alguns desses hábitos: por exemplo, o de lavar os cabelos com shampoo, o de usar desodorantes específicos; os mais ricos chegaram até ao perfume moderno, disfarçado, de início, sob a designação de loção, até ao creme de beleza. O creme de barbear e depois a espuma de barbear substituem o pincel e o sabão comum; aparece a loção pós-barba. Os modernos salões de beleza acompanharam essa modificação nas tecnologias do cotidiano, quer os da periferia, quer os do núcleo da sociedade, para lavar e cortar os cabelos, fazer as unhas das mãos e dos pés, para alisar, tingir, colorir ou descolorir os cabelos. Os cabeleireiros de homens, já sem o tradicional barbeiro de navalha na mão, vencido definitivamente pela lâmina ou pela máquina de barbear, passaram a "fazer shampoo", "fazer escova", tingir cabelo, culminando nos estabelecimentos unissex. O hábito de pintar

11. No anúncio, as revoluções da vida moderna: o plástico, os artigos de higiene e limpeza para homens e mulheres, além dos novos produtos farmacêuticos. (Revista Realidade, agosto de 1970/ Acervo Iconographia)

12. O Cruzeiro, 7/8/54. (Acervo Iconographia)

o cabelo de mulheres e homens, para tentar evitar que parecessem velhos, consolidou-se definitivamente.

O vestuário passou por outra revolução: a do tecido sintético e da roupa feita em massa, que baratearam, e muito, os produtos. O linho, a seda, o algodão puro, a lã, tornaram-se privilégio dos consumidores de renda mais alta. Para homens, o uso do terno e da gravata ficou muito mais restrito: restrito a certas ocasiões ou ambientes, ou restrito a pessoas obrigadas a esta roupa de representação. Desapareceu o suspensório, a abotoadura, a barbatana da camisa social, o pregador de gravata, o lenço de pano, e, definitivamente, o chapéu. A camisa social, que era só branca, passou a exibir outras cores mais vivas. Generalizou-se o uso da camisa esporte, de fio sintético ou de tecido nobre, usada agora em quase todas as ocasiões sociais; também o uso da bermuda e do *short*. Mas a grande mudança talvez tenha sido a da calça *jeans* — que era chamada, no começo, de calça rancheira ou de calça americana ou de calça *far-west* —, e a da camiseta de todas as cores ou estampadas. A cueca samba-canção sempre branca foi substituída pela cueca sem pernas, algumas coloridas ou “trabalhadas”. As meias, antes quase só pretas, ou cinza, ou marrons, ou brancas, são agora de fibra sintética e ganham outros coloridos. No pé, a grande revolução foi o uso do tênis substituindo o sapato. Mas, também, apareceu o sapato aberto, o mocassim, o *dock side*, as alpargatas, a primeira a “Alpargata Roda, está na moda”, a sandália “havaiana”, que



13, 14. Do maiô ao biquini,
a evolução no vestuário feminino.
(Fritz Neuberger/ Acervo Iconographia
e Agência Estado)

substituiu os tamancos. O bigode caiu em desuso. A moda do cabelo comprido e da barba desarrumada surge no final dos anos 60, como símbolo de afirmação e de protesto de uma nova geração “avançada”, mas depois vai sumindo. Alguns homens passam a usar bolsa nos meados dos 60.

Para a mulher, talvez o fato mais significativo tenha sido a incorporação da roupa masculina no início dos anos 60, especialmente da calça comprida — um espanto para os mais tradicionalistas —, mas, também, da camiseta, do tênis, do paletó, da alpargata, da havaiana. Outro fato que provocou a reprovação dos caturras: mulheres fumando, fumando em público! A meia de seda com liga ou cinta-liga foi substituída pela meia de *nylon* e pela meia-calça, também de *nylon*. Desapareceram, ainda, a cinta, a anágua, e depois praticamente a combinação. O sutiã perde a armação, fica mole: resultado, inclusive, da diminuição dos seios, as mulheres, agora, muito mais magras. Os calçolões são substituídos pela calça-biquíni. Desapareceu o saiote do maiô inteiro, feito para encobrir as partes pudendas. Vem o “duas peças”, depois o biquíni,





15. As saias começam a diminuir, dando às mulheres um ar juvenil e esportivo. Na foto, Erasmo Carlos, Wanderléa, Roberto Carlos, Os Vips e Martinha se apresentam no programa Jovem Guarda, 1966. (Agência JB)

culminando no fio-dental. O comprimento das saias oscilou com a moda, mas o importante é que não há mais comprimento mínimo: lembremo-nos das minissaias dos anos 60.

Vai desaparecendo, para homens e mulheres, a distinção rígida entre a roupa de ficar em casa e o traje de sair, de sair para a cidade, para visitar fulano ou sicrano, de ir à missa todos os domingos, de ir às festas. A roupa de criança aproximou-se da vestimenta do adulto: para o menino, por exemplo, a calça comprida vem logo, não espera mais os dez ou doze anos; para a menina, o vestido perde as rendas, babados, nervuras, sianinhas, os entremeios, as casas de abelha, as mangas bufantes e todas as outras particularidades dos modelos para crianças, que os distinguiam tão acentuadamente das roupas das mães. O uniforme de colégio tornou-se mais raro. A roupa do velho ou da velha aproximou-se da do mo-



16. Vacinação contra a paralisia infantil. Pelé e sua esposa Rosemere levam a filha Kelly Cristina ao posto de saúde, 25/4/67. (Arquivo do Estado de São Paulo/ Fundo Última Hora)

ço ou moça. Desapareceu o luto fechado e mesmo o alívio. Todos podem agora comprar relógios baratos, indispensáveis para a vida corrida e cronometrada da cidade.

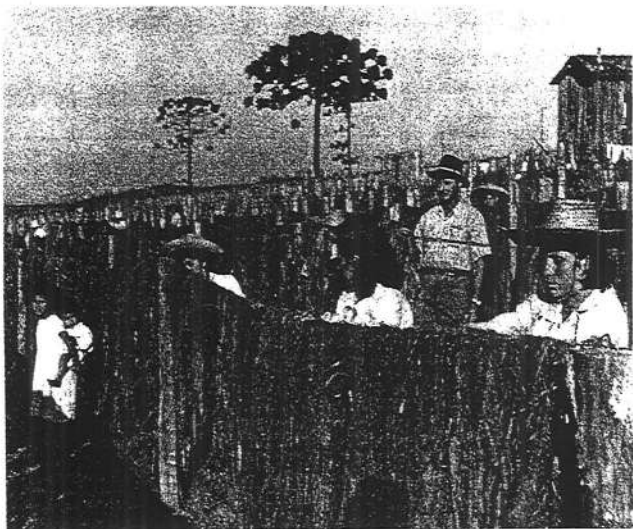
Também fomos acompanhando, com um certo atraso, é claro, os progressos da indústria farmacêutica. Os remédios com base nos produtos naturais, de origem vegetal ou animal — por exemplo, os xaropes, os reguladores femininos, os fortificantes —, sendo substituídos pelos farmacoquímicos. Houve uma verdadeira revolução dos antibióticos, que começou no final dos anos 40, da penicilina, das sulfas, da estreptomicina, da baltracina etc., que combateram com sucesso duas doenças que eram o terror dos brasileiros, a tuberculose

e a sífilis; mas, também, as demais de origem venérea, a pneumonia, enfim, todo o espectro das moléstias infecciosas. Houve a revolução das vacinas, da tríplice, da Salk e depois da Sabin, contra a paralisia infantil, o temor de tantos pais e de tantas mães. Mas também vieram as vitaminas, a verdadeira mania das vitaminas, novos analgésicos e antitérmicos, os corticóides, os hemoterápicos, os hormônios masculinos e femininos, os remédios psiquiátricos, os para o coração ou para o estômago, que foram substituindo o fígado como o grande vilão da saúde dos brasileiros. E, com tudo isto, estabeleceu-se a predominância do laboratório estrangeiro sobre os nacionais. Mais ainda: o Brasil virou uma espécie de paraíso para a indústria farmacêutica, porque combinava dois quadros nosológicos distintos, o próprio aos países ricos e o peculiar a países pobres: de um lado, as “doenças do progresso”, as cardiovasculares, a hipertensão, o câncer e outras doenças crônico-degenerativas, as úlceras de estômago e as gastrites, o stress etc.; de outro, ainda persistiram as “doenças do atraso”, antes de tudo as infecciosas, decorrentes, em boa medida, da má alimentação, como, por exemplo, a diarreia. Em suma, todas essas variações do consumo apontavam para os movimentos da sociedade.

UMA SOCIEDADE EM MOVIMENTO

Matutos, caipiras, jecas: certamente era com esses olhos que, em 1950, os 10 milhões de cidadãos viam os outros 41 milhões de brasileiros que moravam no campo, nos vilarejos e cidadezinhas de menos de 20 mil habitantes.² Olhos, portanto, de gente moderna, “superior”, que enxerga gente atrasada, “inferior”. A vida da cidade atrai e fixa porque oferece melhores oportunidades e acena um futuro de progresso individual, mas, também, porque é considerada uma forma superior de existência. A vida do campo, ao contrário, repele e expulsa.

Como era a estrutura social do campo, naquela época? No cume, situava-se a oligarquia de latifundiários, que controlava a propriedade da terra: latifundiários capitalistas, como os fazendeiros de café e os usineiros de açúcar, ou latifundiários “tradicionais”, como boa parte dos grandes pecuaristas. Abaixo deles, vêm todos os que já empregavam trabalho assalariado e produziam exclusivamente para o mercado:



17. *Lavoura de sisal no Paraná, final da década de 50. (Acervo Iconographia)*

médios proprietários, alguns dos pequenos, os arrendatários capitalistas. Descendo, encontramos a pequena propriedade familiar capaz de assegurar um nível de vida razoável para seus donos, como a do Rio Grande do Sul. No entanto, no conjunto do país, a esmagadora maioria, cerca de 85%, é formada por posseiros, pequenos proprietários, parceiros, assalariados temporários ou permanentes, extremamente pobres ou miseráveis. Os assalariados permanentes — por exemplo, o colono da fazenda de café, o trabalhador da usina de açúcar — ganhavam pouquíssimo, mas estavam integrados ao capitalismo. Mas os posseiros, pequenos proprietários pobres, ou parceiros, praticamente não. Os pequenos proprietários ou posseiros tinham um pedaço de terra para trabalhar. Os parceiros, ao contrário, viviam dentro de um latifúndio, como o “morador” do Nordeste, obrigados a prestar certos serviços ao proprietário da terra, ou então a ceder-lhe parte da produção. Todos produziam de uma maneira tecnologicamente rudimentar, quase só para comer. As parcas sobras eram vendidas e o dinheiro apurado servia para adquirir o que era estritamente necessário: instrumentos de trabalho, sal, um pouco de carne de vaca, um pouco de pão de trigo, tecidos, uma ou outra roupa feita, uma ou outra bota ou alpargata, pouca coisa mais. Alguns deles complementavam a renda trabalhando temporariamente como assalariados, por